

RAPPERS DO SENHOR EM BUSCA DE VISIBILIDADE

* Tâmara Lis Reis Umbelino¹

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de compreender um importante fenômeno religioso que vem se mostrando cada vez mais forte e consistente, que é à busca de visibilidade por jovens, negros de periferia, através da religião. Cultos embalados por Hip-Hop e danças de BBoys no altar da igreja são rituais cada vez mais comuns em templos evangélicos de todo o país. E neste ambiente, jovens que sentem invisibilizados pelos veículos de comunicação, encontram uma oportunidade de refazer sua imagem.

Palavra chave: visibilidade, invisibilidade, evangélicos, hip-hop, juventude, religião, negro, mídia, comunicação.

“... o nosso movimento cresce a cada dia
das ruas do centro ate a periferia
o hip-hop gospel ta fazendo historia
mas só se lembra quem tem boa memória
uma rapaziada começou a se juntar
e umas idéias começaram a rolar
todo mundo que chegavam tinham algo em comum
o hip-hop era o som nº 1
alem do fato de todo mundo ser cristão
sejam dê de que nasceu ou após a conversão
mas isso não era suficiente as letras tinham que ser
inteligente
para alcançar a rapaziada
que só que saber de uma vida errada
mais nem tudo eram descontração
faltava apoio da igreja e divulgação
seremos chamados de loucos com certeza
além de o nosso rap ser uma auto defesa.”
(Gospelrap- DJ Alpiste)

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora

O presente artigo se propõe a compreender de que maneira grupos formados por jovens negros moradores das periferias das grandes cidades, e em nosso caso particular Juiz de Fora, estão encontrando no meio religioso um espaço que possibilite a formação de sua identidade e construção da auto-estima e de uma série de referências que não são encontradas, por exemplo, nos veículos de comunicação. Estudar este fenômeno em nossa cidade e as conseqüências para grupos de jovens, negros, moradores da periferia mostra-se importante, haja visto o grande número de estudos que vem sendo feito neste sentido por pesquisadores de todo o país.

Nossa proposta é entender quais articulações são formadas no ambiente religioso que propiciam o desenvolvimento de uma identidade que reforce os valores relativos à negritude e reforcem a auto-estima de grupos que são constantemente marginalizados e, não raramente invisibilizados, pelos veículos de comunicação de massa. Em busca de valores que possam construir esta identidade a muito fragmentada e fragilizada, estes jovens, em sua grande maioria negros, pobres e evangélicos, se unem em um movimento que chamam Ministério Galera de Cristo, onde discutem política, direitos humanos e, também religião.

O ponto de partida deste nosso estudo se fundamental em quatro eixos principais: a questão da negritude, do que é ser jovem, do que é ser morador da periferia e do que é pentecostal. Tendo como base importantes trabalhos analisando cada uma destas questões, realizados por importantes nomes do meio acadêmico, pretendemos compreender o que acontece quando estas diferentes realidades se encontram: o que é ser negro, jovem, morador da periferia e pentecostal. Quais valores norteiam as normas de conduta destes jovens? De que maneira eles experimentam a invisibilidade, ou distorção de sua própria imagem, patrocinada pelos meios de comunicação de massa? As formas alternativas de visibilidade que estes grupos vêm buscando, principalmente no campo religioso, estão de fato trazendo resultado?

Começamos então apresentando nosso objeto de estudo. O Ministério Galera de Cristo é um grupo criado em 1996, e que, apesar de ter participantes de diversas regiões da cidade, atua prioritariamente no bairro Santa Efigênia (Zona Sul de Juiz de Fora) e outros bairro da região. Este grupo teve início em um templo da Igreja de Deus no Brasil, localizada no bairro Ipiranga, periferia da Zona Leste de Juiz de Fora. O Ministério foi criado com o claro objetivo de resgatar os jovens negros da comunidade, que estavam envolvidos com atividades criminosas e drogas, trazendo-os para o ambiente religioso. E, segundo entrevista com o fundador do Ministério, J. J, 32 anos, mais conhecido como Negro Bússola (o nome foi escolhido com base em dois propósitos bem definidos: reforçar o orgulho do pertencimento à

raça negra e mostrar que seu objetivo é atuar mostrando um “norte” para estes garotos que se sentem à deriva na sociedade), o grupo mantém ainda o forte propósito de garantir a estes jovens visibilidade e possibilidade de construir uma auto-imagem diferente daquela veiculada pelos veículos de comunicação de massa, onde estes jovens são freqüentemente retratados como delinqüentes e, muitas vezes, sem chance de se pronunciar sobre os fatos nos quais estão envolvidos.

Creio ser importante também que antes que qualquer análise seja feita, esclareçamos os motivos que me fizeram interessar por este tema e de que maneira aconteceu minha aproximação com o grupo que mais tarde se tornaria meu local de estudo. Não esquecendo contudo que

*Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam **nas** aldeias. Você pode estudar coisas em diferentes locais, e algumas coisas (...) podem ser melhor estudadas em localidades isoladas. Isso não faz do lugar o que você está estudando. (GEERTZ, 1989:32)*

Sendo assim, através do grupo em questão, nos propomos a compreender de que maneira este fenômeno da busca de visibilidade e construção de auto-estima vem sendo feita por grupos formados por jovens, negros, moradores das periferias, através, principalmente do movimento de Hip Hop Gospel.

A escolha pelo Hip Hop é facilmente justificada pelos membros deste movimento quando alegam que o Hip Hop é sem dúvida uma das maiores expressões da população negra, capaz de mexer, além da mente, com a alma da população negra marginalizada, como acontece nos Estados Unidos. O arquiteto, urbanista e consultor de projetos como o Programa Favela-Bairro, Manoel Ribeiro, que se tornou um estudioso das comunidades carentes de morro e periferia também destacou em entrevista recente a importância deste estilo musical como instrumento de politização desta parcela da sociedade

“hip-hop é mais a expressão da diáspora negra internacional. É o compromisso com uma luta e um processo de conscientização. Talvez não seja nem música. Tanto que aqui no Brasil há uma certa rejeição do hip-hop pela mídia”. (Ribeiro. 2007)

Para estes jovens que encontram claras dificuldades de se verem retratados nos veículos de comunicação de massa e conseguirem contar sua própria história de acordo com seus valores e usando sua linguagem, o Hip Hop Gospel se apresenta com forma de redenção da vida marginal, não só pela forma mas também pelo conteúdo versado pelos Rappers.

Ministério em Movimento

É importante destacar que as atividades do Ministério Galera de Cristo (MGC) não se restringem aos cultos nas igrejas e momentos de oração. Os jovens também se reúnem para discutir assuntos que afetam diretamente suas vidas como vícios, violência e marginalidade, além de fatos e ações que promovam a igualdade racial. Um exemplo de promoção de debates sobre a condição do negro na sociedade brasileira é o Projeto Café com Hip-Hop promovido com regularidade pelo Ministério Galera de Cristo no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, centro de Juiz de Fora.

Tivemos a oportunidade de estar na edição promovida em 11 de janeiro de 2007, ocasião onde, segundo os organizadores do evento, foram reunidos mais de 350 jovens de diferentes periferias da cidade e de diversas denominações evangélicas. No Café com Hip Hop há espaço para apresentações de dança, gratife e DJs. É um momento para dentre outras coisas, manter e fortalecer a força do Hip Hop nestas comunidades, além de apresentar uma nova leitura desta expressão artística que passa a funcionar como instrumento de evangelização.

Apesar de já ter cerca de vinte anos a história do movimento Hip Hop no Brasil ainda não foi contada de forma sistematizada. Há muitas controvérsias sobre a origem do movimento. Para alguns ele teria nascido na Jamaica para outros (como acredita Negro Bússola) é um movimento tipicamente Norte Americano que nasceu da necessidade de comunicação dos negros de diferentes estados nas lutas e conquistas políticas em 1960.

Durante o *Café com Hip Hop* jovens de diversas partes da cidade se reúnem para apresentar os trabalhos que vem sendo feitos junto à comunidade dos bairros em que vivem, alguns com apoio de políticos e organismos municipais, outros realizados através de iniciativas individuais. No entanto, apesar da divulgação prévia feita por alguns veículos de comunicação da cidade, sempre no espaço dedicado à cultura, acredito ser importante destacar que estas ações não são tratadas como um movimento político destes jovens em busca de

reconhecimento social e cidadania. Como comumente acontece, aos negros é relegado na mídia o espaço relacionado à música, cultura e ao exótico.

Mesmo com a publicação de notas nos dias que antecedem ao evento, os organizadores destacam que nunca houve, por parte dos órgãos de comunicação da cidade, uma cobertura jornalística no momento do evento, embora releases com informações sobre data, horário e local do evento tenham enviados e recebido por estes veículos, haja vista o fato de terem noticiado a realização do evento nos dias que o antecederam.

Durante a realização do evento é pouco notada a presença de outras pessoas que não aquelas que façam, de fato, parte do movimento. Os presentes são, em sua maioria, negros, jovens e pelas roupas, cabelos e assuntos tratados nas rodinhas de conversa, integrantes do movimento Hip Hop. Não é raro também notar em alguns deles uma postura agressiva e por vezes desconfiada em relação aos curiosos que se aproximam para saber do que se trata o evento.

Nota-se durante o encontro a grande presença de jovens DJs dispostos a fazer sai performance em busca de novas oportunidades de trabalho. Muitos deles já atuam, ainda que de forma voluntária, em algumas rádios comunitárias e piratas como locutores e Dj's. Como bem definiu a antropóloga Jane Souto em "Os outros lados do Funk Carioca", assim como acontece com o funk, o Hip Hop ampliou o mercado de trabalho para os jovens oferecendo a eles perspectivas de trabalho de mais prestígio que as funções comumente desempenhadas por jovens de periferia.

Como se não bastassem os problemas do cotidiano estes jovens também convivem diariamente como uma invisibilidade ou distorção da auto-imagem proporcionada pela mídia que grande parte das vezes ignora suas manifestações políticas e necessidades sociais. O espaço destinado a eles, quando existe, é quase em sua totalidade, ocupado por referências ligadas às artes e à música. A presença social desta parcela da população é notadamente relacionada aos eventos envolvendo violência e marginalidade. No texto "Os jovens suburbanos e a mídia. Conceitos e Preconceitos", Rosilene Alvim e Eugênia Paim trabalharam de maneira clara este problema ao expor que

“Ao divulgarem a imagem estereotipada de jovem suburbano como jovens ameaçadores, envolvidos com crimes, saques e sublevações, os meios de comunicação conduzem à representação do público sobre um tipo de protesto dos jovens das classes populares. Mesmo consciente de que não se pode atribuir exclusivamente à imprensa a responsabilidade pelo modo como são encaminhadas estas notícias, já que o público mantém em relação a elas um tipo de voracidade que concorre para sua crescente exibição, é no campo próprio à mídia que elas se tornam espetaculares”. (pág. 30)

Ainda neste texto, as autoras destacam que

“Os jovens dos subúrbios são, em sua maioria imigrantes que ganharam existência visível a partir de um acontecimento veiculado pela mídia” (pág. 17)

Fica, portanto, cada vez mais difícil para estes jovens construir uma imagem positiva de si mesmos e reforçarem sua auto-estima tendo em vista o enfoque negativo com o qual são tratadas as notícias relacionadas a este grupo social.

Um destes jovens contou durante entrevista que havia entrado em contato com três veículos de comunicação da cidade (duas TVs e uma emissora de rádio) pedindo cobertura para um evento de prestação de serviço que aconteceria na comunidade durante o final de semana. Estavam programados serviços de corte de cabelo, aferição de pressão arterial, palestras educativas sobre doenças sexualmente transmissíveis e orientações sobre direitos trabalhistas. O evento teve início às 10 horas da manhã e nenhum veículo havia aparecido para fazer qualquer cobertura. Por volta das 16h30 um dos jovens atendidos pelo programa se envolveu em uma briga no local e atirou em outro homem. Exatos 15 minutos depois jornalistas das duas emissoras de TV e de três emissoras de rádio (incluindo a que havia sido convidada para cobrir o evento) estavam no local para fazer uma matéria sobre a violência na periferia. Fatos como este não são um acontecimento isolado na vida destes jovens e na realidade das redações, que já se acostumaram a “subir o morro” apenas para buscar matérias que figurem no noticiário policial.

E é justamente nesta vácuo deixado pelo poder público e ampliado pelos veículos de comunicação que surge a religião. Um espaço que permite a estes jovens, além de manifestarem suas crenças religiosas continuar a ser quem são com seus valores estéticos e manifestações culturais.

O fruto desta “liberdade” encontrada por eles no meio religioso, no caso presente em especial no meio Evangélico, fez que com que nascesse uma expressão artística que ganha espaço em todo o país, com destaque para o Distrito Federal, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais, o Hip Hop Gospel. O nome gospel vem de do inglês e significa evangelho. O gospel tem origens na música nascida nas fazendas de escravos no sul dos Estados Unidos e se tornou uma importante referência no cenário música norte-americano lançando nomes como Mahalia Jackson, Aretha Franklin, Ray Charles e um de seus divulgadores mais importantes Elvis Presley.

No Brasil o termo gospel, como designação de todo tipo de música cristã, foi utilizado pela primeira vez nos anos 80 pela Gravadora Gospel Records. A popularização do gênero no país aconteceu no final de década de 80 e vem crescendo até hoje. Atualmente já existem representantes do Hip Hop gospel reconhecidos no cenário musical secular, como o Rapper Dj Alpiste, um dos pioneiros na divulgação do Hip-Hop nas igrejas nos anos 90. Seu primeiro Cd, Transformação, lançado em 1997 vendeu mais de 30 mil cópias e de lá para cá já são mais de cinco CD's lançados.

Como já foi estudado por importantes cientistas sociais e estudiosos da Religião, para os evangélicos, o lazer e a religião se misturam. Na opinião de Negro Bússola muito da aproximação destes jovens com a nova proposta religiosa se deve ao fato da identidade entre a postura do “novo crente” e aquela já assumida pelos jovens antes da conversão.

O fato de não ser preciso se transformar em que quem não se é, deixa o jovem mais à vontade para assumir suas crenças religiosas e se posicionar perante os amigos e a comunidade. Comportamento semelhante ao observado no texto “Fazendo 'a 'coisa certa': reggae, rastas e pentecostais em Salvador” de Olívia Cunha

“.... passa pela compreensão desses jovens de que existem determinados limites. Estes estão nitidamente expressos no desejo de

assumir uma “identidade religiosa” que não represente submissão – “ser crente” – por exemplo não deixando de usar o penteado e a vestimenta que mais lhe agrada. O que se postula é uma vida “santa” na fé e nas práticas, e menos nas aparências e nos costumes” . (CUNHA, 1993)

Além disto, outro fator importante para a aproximação destes jovens da igreja é o fato de que o primeiro contato é feito de maneira individual, particular e no espaço onde este jovem vive ou frequenta. Não é preciso que ele se direcione para o templo para “conhecer a palavra”. Negro Bússola conta que uma das principais atividades do Ministério Galera de Cristo é as visitas às portas de bailes funks, bares e até mesmo aos “puteiros”, pois é lá, segundo ele, que estão aqueles que mais precisam ouvir a palavra de Jesus. O discurso com o qual a palavra é apresentada a estes jovens também facilita, em muito a recepção. Gírias, expressões e, o ritmo, já conhecido e apreciado por estes jovens, faz com que a forma seduza para o conteúdo que virá a seguir.

“Assim, como os “irmãos” não pregavam a palavra enclausurados em ternos escuros e usando megafones e alto-falantes, mas através de mecanismos que envolviam em “convencimento” diário em conversas, no testemunho usando linguagem coloquial, na relação igualitária que mantinham com os rastas – repelidos devido à sua aparência na maioria das vezes” (CUNHA, 1993)

Os jovens que antes usavam seus dons de cantar, dançar, em atividades não ligadas a religião, julgam que este tempo foi perdido e que só agora, depois que colocaram seus dons a serviço de Deus eles estão de fato sendo usados como deveriam. Em celebrações como as do Ministério Galera de Cristo a separação entre sagrado/profano é muito difícil de ser feita. O que parece é que a fenômeno que pretendemos estudar está situado em um meio termo.

“Num extremo temos as ações que são inteiramente profanas, inteiramente funcionais, pira e simples técnica. No outro temos as ações que são inteiramente sagradas, estritamente estéticas, tecnicamente não funcionais. Entre esses dois extremos temos a grande maioria das ações sociais que participam em parte de uma das esferas e em parte da outra.” (LEACH, 1995)

O que se percebe é que estes jovens se percebem livres para serem que são. Mas faz-se importante destacar que para que este fenômeno se apresente é necessário que haja uma negociação entre os representantes religiosos das mais diversas igrejas que fazem parte da galera de Cristo, e dos jovens que querem fazer parte deste grupo social. Para Simmel, por exemplo, a liberdade é o resultado de uma “mudança de constrangimentos” ou seja, ela acontece em um contexto de obrigações onde o que há é uma troca. Livramos-nos de algumas obrigações que deram lugar a outras. Liberdade seria, portanto, uma forma de lidar com constrangimentos e obrigações.

Não é possível compreender este grupo de jovens que formam o Ministério Galera de Cristo dissociados da realidade em que vivem e de outros grupos dos quais fazem parte. Ser membro do Ministério é apenas uma das facetas destes jovens que também dividem as estáticas de integrar o grupo de jovens negros (e os estigmas que este grupo carrega), pobres, moradores das periferias.

Procuramos compreender de que forma a sociedade na qual estão inseridos estes jovens foi decisiva para o aparecimento deste tipo de manifestação religiosa. Quais os fatores favoreceram que eles se reunissem em torno deste grupo para, através da religião, reconstruir sua identidade. Vemos que estes grupos apresentam como características identidades fragmentadas e fragilizadas pela ausência de agentes externos que as reforcem ou valorizem. Estes jovens buscam então, referências, na grande maioria das vezes no modelo que temos de jovens negros norte-americanos.

As roupas de times de basquete (que muitos deles não sabem mais do que o nome), tênis coloridos, cordões (muitos deles), anéis e cabelos black powers conferem a estes jovens um visual digno de “Black is beautiful”

METODOLOGIA DE TRABALHO

Nossa proposta, neste artigo é propor uma etnografia que nos permita acompanhar de perto o desenvolvimento das ações que se pretende estudar. Tomando cuidado, no entanto, para não permitir que a prática seja usada para desqualificar o discurso ou mesmo para comprová-lo. Sua função deve ser complementar e fazer o vínculo entre o discurso e a realidade. E para garantir que no processo de conhecimento a subjetividade do outro não seja desconsiderada utilizaremos um importante referencial teórico que nos permita trabalhar de maneira correta com a realidade que se apresenta a nossa frente.

“Conhecer bem a teoria científica e estar a par de suas últimas descobertas não significa estar sobrecarregado de idéias preconcebidas. Se um homem parte numa expedição decidido a provar certas hipóteses e é incapaz de mudar seus pontos de vista constantemente, abandonando-os sem hesitar ante a pressão da evidência, sem dúvida seu trabalho será inútil. Mas, quanto maior for o número de problemas que leve consigo para o trabalho de campo, quanto mais esteja habituado a moldar suas teorias aos fatos e a decidir quão relevantes ele são em suas teorias, tanto mais estará bem equipado para o seu trabalho de pesquisa. As idéias pré-concebidas são perniciosas a qualquer estudo científico; a capacidade de levantar problemas, no entanto, constitui uma das maiores virtudes do cientista- esses problemas são revelados ao observado através de seus estudos teóricos” (- MALINOWSKI, 1922 p, 22)

Pelo caráter antropológico deste trabalho se fará necessário realizar um grande número de entrevistas em pesquisas qualitativas. Como, para garantir sucesso neste tipo de pesquisa é fundamental que o entrevistador tenha conhecimento sobre o assunto que será pesquisado e estrutura, garantindo que haja um propósito para a entrevista, a parte de campo do trabalho será trabalhada em um segundo momento, após o contato com a literatura já produzida sobre o tema. Desta forma será mais fácil garantir que durante a entrevistas sejam feitas perguntas claras, fáceis e diretas.

Até o momento foram realizadas apenas entrevistas preliminares que nos possibilitassem conhecer os objetivos do Ministério Galera de Cristo. As entrevistas feitas foram todas gravadas e transcritas para facilitar o trabalho, pois

“...isto ajuda a resolver os nossos problemas de memória e para não nos deixar colocar “brilho” no que foi feito. Com a gravação é possível examinar repetidas vezes as respostas dos entrevistados.” (BRYMAN, Alan)

Além disto a gravação também irá permitir que outros pesquisadores tenham acesso às entrevistas originais e possam trabalhar as questões já levantadas ou outros aspectos sobre o mesmo tema. Em nosso trabalho de campo utilizamos um pequeno gravador digital para “intimidar” menos nossos entrevistados e diminuir o tempo gasto com a transcrição. Haja vista que o valor e tempo gasto com gravadores de fita seriam muito maiores.

No entanto, nossa experiência como jornalista já nos mostrou que a maioria das pessoas, apesar de concordar em gravar entrevistas, tendem a não falar de forma tão natural quando sabem que estão sendo gravadas. Este fato foi percebido claramente nas primeiras entrevistas realizadas com o líder do MGC, Jefferson Januário. O uso de chavões e palavras de ordem, geralmente direcionadas para serem “marchetadas” por veículos de comunicação foi corrente em nossa primeira entrevista.

Para garantir maior naturalidade à entrevista, tentei, utilizando a experiência adquirida nas redações de rádio e jornal, iniciar a entrevista sempre que possível com assuntos que sejam mais confortáveis para o entrevistado. Além disto, nem tudo que se diz pode ser gravado. Não raras vezes, as declarações mais reveladoras são aquelas feitas depois que o gravador é desligado.

Por isto mesmo, ao desligar o gravador a atenção ao que estava sendo dito foi redobrada, garantindo que nem um detalhe fosse perdido e logo que as entrevistas terminaram me apressei em anotar os pontos mais importantes. Além disto, acredito que muitos detalhes importantes e depoimentos realmente sinceros e reveladores foram dados durante nossas conversas, ao meu ver, pelos entrevistados saberem exatamente do que se tratava o trabalho.

A grande maioria deles já me conhecia como repórter e muitos deles eu já havia entrevistado em outras oportunidades. Desta vez,, fiz questão de esclarecer que o material que estava sendo gravado com eles e que seria trabalhado por mim, fazia parte de um trabalho científico e não seria, como já havia acontecido tantas vezes, modificado ou “trabalhado” por editores de jornais para garantir maior “impacto” às declarações dadas.

Inclusive, acredito que os contatos, esporádicos e por ocasiões de eventos especiais, que tive com estes jovens em minhas apurações, muitas vezes como repórter de cidade ou policia, ocasiões nas quais pudemos conversar sobre a dificuldade de emplacar matérias realmente positivas que falassem da periferia. Quando fui procurá-los para iniciar este trabalho eles já sabiam que esta era uma questão que me incomodava há algum tempo e sobre a qual gostaria de fazer alguma coisa.

Outro fator que, tenho certeza, facilitou meu acesso aos entrevistados é o fato de assim como eles ser negra. Apesar de estar ali como pesquisadoras e de eles saberem que não moro, nem nunca morei na periferia, que trabalho em uma emissora de rádio católica e que não era uma adepta do Hip Hop, uma ligação mais forte do que todas estas diferenças aconteceu pela questão racial.

Nossa “semelhança” física faz com que eu passe despercebida durante os eventos e que minha presença não se destacasse no meio deles. Todos sabiam que eu era diferente, mas nunca me senti vista como uma intrusa.

Acho importante relatar uma dificuldade que tive durante a transcrição de entrevistas que foi o fato de durante nossas conversas os garotos usarem muitos chavões, frases feitas e palavras de efeito, usadas sem sentido, no meio das frases. Acredito que isto aconteça pela baixa instrução destes jovens e pelo acesso destes à informação se dar, basicamente, através de jornais e revistas.

Muitas vezes o discurso utilizado por eles se assemelha ao texto manchettato nos veículos de comunicação de massa. Existe informação, mas ela esta fragmentada e desconexa. Trechos de livros de história sobre a época da escravidão e matérias de destaque na imprensa nacional se misturam em um discurso marcado pela vontade de impressionar o interlocutor.

Como visto no texto *Social Research Methods* de Alan Bryman a entrevista em pesquisa qualitativa é tipicamente do tipo semi-estruturada e não estruturada. O que significa que ela deve ser feita de acordo com a postura e disposição do entrevistado. Aproveitando as brechas que surgem durante o bate-papo e a intimidade que surge ao longo do contato para obter informações importantes. Desta forma a entrevista qualitativa deve ser flexível e

procurar os pontos de vista dos entrevistados. Acreditamos que com esta abordagem conseguiremos de maneira mais segura ter acesso às informações fundamentais para a realização deste trabalho.

Além das nossas entrevistas, esperamos contar também com valiosas informações coletadas pelo Ministério Galera de Cristo durante uma pesquisa feita por dez jovens selecionados, segundo a liderança do movimento de acordo com o grau de periculosidade da situação de vida destes jovens. Cada um deles entrevistou 100 pessoas da comunidade para constatar o grau de envolvimento destas pessoas com o álcool, violência e principalmente como é tratada a religiosidade pelos entrevistados. Acredito que estes dados, aliados à fundamentação teórica e as entrevistas realizadas em campo, nos permitirão traçar um panorama mais próximo possível da realidade de grupo onde se pretende estudar.

Referência Bibliográfica

ABRAMOVAY, Mirian et al. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro, Garamond, 2002.

ALMEIDA, Ronaldo. & RUMSTAIN, Ariana. "O gospel como sociabilidade religiosa": "Fronteiras do Sagrado: mutações na interface religião e sociedade". V Reunião de antropologia do Mercosul, Florianópolis, 30 nova 03 dez, 2003

ARAÚJO, Carla. As marcas da violência na constituição da identidade de jovens de periferia. *Educação e Pesquisa*, v.27,n.1,pp.141-160, 2001.

BABBIE, Earl. *Métodos de Pesquisas de Survey*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001,

BRYMAN, Alan, Social Research Methods. Oxford, Oxford University Press, 2001.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

CARDOSO de Oliveira, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever**. In: __ O trabalho do Antropólogo, 1998.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. "Religiosidade moderna e esclarecida entre os universitários de Juiz de Fora - MG". *Debates do NER*, nº 2, 2001, pp.37-64.

CECCHETTO, Fátima. "As galeras Funk cariocas: entre o lúdico e o violento". "In:

Hermano Vianna (org.). *Galeras Cariocas: territórios de conflitos e de encontros culturais RJ*: Editora UFRJ, 2003, pp.93-116.

CUNHA, Olívia Maria Gomes. "Fazendo 'a coisa certa': reggae, rastas e pentecostais em Salvador". *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)* n.23, 1993.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, v. 28, n. 1, pp 117-136, jan/jun 2002.

Dayrell . Juarez Tarcisio "A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte", tese de doutorado de. Orientação de Marília Pontes Spósito, da FEUSP. Defesa em julho de 2001, na Faculdade de Educação da USP (Universidade de São Paulo).

DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop*. São Paulo, Annablume, 1998.

LEACH, E. **Sistemas políticos da Alta Birmânia**. São Paulo: Edusp, 1995

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 2 vols., 1965.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro : LTC Editora, 1989.

GEERTZ, Clifford. **“Uma Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da cultura”**. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. **“Do ponto de Vista dos Nativos: a natureza do entendimento antropológico”**. In: **O Saber Local**. Petrópolis: Vozes, 1998.

Hamlin , Cynthia Lins. Realismo Crítico: Um Programa de Pesquisa para as Ciências Sociais

FORACCHI, Marialice M. *A Juventude na sociedade brasileira*. São Paulo, Pioneira, 1972.

LECCARDI, Carmen. "Por um novo significado do futuro: mutação. social, jovens e tempo". *Tempo Social: revista de sociologia da-USP*. vol 17, ~ 2, 2005,.

MINAYO, Maria Cecília de S. et al. *Fala galera: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro, Garamond, 1999.

NOVAES, Regina Reyes & MAFRA, Clara Cristina Jost. "Juventude: Conflito e Solidariedade". *Comunicações do ISER*. nº 50,1998.

NOVAES, Regina Reyes. "Ouvir para crer: os Racionais e a fé na palavra". *Religião e Sociedade*, 20/1, 1999, pp.65-92.

_____. "Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas". In *Fiéis & Cidadãos. Percursos de Sincretismo no Brasil*. Pierre Sanchis (org.). Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, pp.181-207.

NOVAES, Regina Reyes & MELLO, Cecília Campello A. "Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos" - *Comunicações do ISER*. nº 57, 2002.

NOVAES, Regina Reyes. "Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público". In *Religião e espaço público*. Patrícia Birman (org.). Brasília/ São Paulo, CNPQ/PRONEX/ Attar Editorial, 2003, pp.25-39.

O funk pode ajudar a estabelecer políticas públicas. Equipe Século XXI - publicado em 17/01/2007 http://www.multirio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=16

PIRES, J. M., *Culturas Juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1993.

SIQUEIRA, Deis et al, "Religião e esoterismo entre estudantes: um estudo comparado internacional". *Religião e Sociedade*, 22/2, 2002.

SIQUEIRA, D. e LIMA, Ricardo B. (orgs), *Sociologia das Adesões. Novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro, Garamond: Vieira, 2003.

SIQUEIRA, D., *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2003.

SOUTO, Jane. "Os outros lados do Funk carioca". In Hermano Viana (org.), *Galeras /*

Cariocas: territórios de conflitos e de encontros culturais. RJ: Editora UFRJ, 2003.

SPOSITO, Marília P. Estudos sobre juventude e educação. *Revista brasileira de Educação. Juventude e Contemporaneidade*, n. 5-6, 1997. Número especial.

_____. A instituição escolar e a violência. *Revista de estudos e pesquisa em educação*, n. 104, 1998.

NOVAES, Regina Reyes. "Juventudes, percepções e comportamento: a religião faz diferença?". In: Helena Wendel Abramo e Pedro Martoni Branco (orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. SP: Editora Fundação Perseu

NOVAES, Regina Reyes. "Ouvir para crer: os Racionais e a fé na palavra". *Religião e Sociedade*, 20/1, 1999, pp.65-92.

NOVAES, Regina Reyes. "Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no 'Espaço público". In *Religião e espaço público*. Patrícia Birman (org.). Brasil1 São Paulo, CNPQ/PRONEXI Attar Editorial, 2003, pp.25-39.

PINHEIRO, Márcia Leitão, "O sagrado e o lazer o rap o charme entre os evangélicos" (Mímeo) GT 6: "Fronteiras do Sagrado: mutações na interface religião e sociedade". V

Reunião de Antropologia do Mercosul, Florianópolis, 30 nov a 03 dez, 2003

STEIL, Carlos & ALVES, Daniel & HERRERA, Sonia. "Religião e Política entre os alunos de Ciências Sociais. *Debates do NER* , nº 2, 2001, pp. 09-35.

TA VARES, Fátima Regina Gomes & CAMURÇA, Marcelo Ayres. "Juventudes e Religião / Brasil: uma revisão bibliográfica". *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, vol. 7, n. I, 2004, pp.11-46.

VELHO, Gilberto. "Trajetória individual e campo de possibilidades". In: *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

VIANNA, Hermano. *Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.